
Jelloun, Tahar Ben. *O primeiro amor é sempre o último*. Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2002, 176 p.

O primeiro amor é sempre o último é uma coletânea de contos do escritor marroquino de expressão francesa Tahar Ben Jelloun. Nascido em Fez, em 1944, Ben Jelloun é professor de Filosofia, doutor em Psiquiatria Social, cronista do jornal *Le Monde* e, atualmente, um dos maiores expoentes e representantes da literatura pós-colonial do Magreb (região do norte da África que compreende três países: Marrocos, Tunísia e Argélia). Empregando suas próprias palavras, pode ser definido como “un écrivain qui est un témoin de son époque” e que teve “la chance d’appartenir à la société marocaine, si complexe, si riche, si contradictoire”. As diferentes situações vivenciadas pelo autor desde a infância até a juventude, tais como a educação bilíngue franco-árabe, a participação em revoltas estudantis contra as políticas de seu país e o confina-

mento em um campo disciplinar na década de 1960, ajudaram a compor o perfil de um autor versátil, reconhecido internacionalmente, cuja obra se ramifica em diversos gêneros, desde a poesia até os ensaios e romances. Todavia, o eixo central de seus textos é formado pela abrangente descrição da realidade magrebina atual, na qual estão presentes a imigração aos países europeus, os tabus e preceitos islâmicos, os conflitos de sexualidade e as imposições feitas à mulher muçulmana. Para compor esse retrato, o autor conduz seus personagens por situações onde a identidade humana, em suas múltiplas facetas, é questionada e colocada frente a si própria numa sala de espelhos, na qual diversas antíteses como real e imaginário, certo e errado, lucidez e devaneio se entrelaçam. As oscilações entre os pontos opostos e os profundos mergulhos na natureza psíquica dos personagens acompanham o leitor constantemente e o levam a lançar dúvidas sobre o outro e sobre si mesmo, percorrendo as labirínticas sendas do universo benjellouniano, cujo maior valor se encontra no desejo de “passer quelques petits messages, qui ne sont ni politiques ni idéologiques,

mais de lancer des signes pour se connaître un peu mieux”.

O primeiro amor é sempre o último, coletânea inspirada em *As mil e uma noites* e composta originalmente por 21 narrativas, algumas delas publicadas em periódicos franceses e recopiladas pelas *Éditions du Seuil*, descreve o universo feminino e relata as relações assimétricas e colidentes entre homens e mulheres através do conto, gênero característico por antonomásia da literatura árabe tradicional. Tais narrativas se apresentam entremeadas de críticas à sociedade, a elementos religiosos e à manipulação de sentimentos que acaba por resultar em dor e desencontro. Exemplos evidentes estão nos contos *Ardis femininos*, no qual um ex-policia, hoje traficante de haxixe, é envolvido em jogos de poder e sedução por duas amigas, e em *Les filles de Tétouan*, o qual apresenta uma descrição pormenorizada da mulher árabe em suas características físicas e comportamentais, além da análise das pressões sociais que a rodeiam, tais como as permissões ou proibições impostas pela religião islâmica. Ou, ainda, a tragédia do generoso taxista Slimane que, ao ajudar uma mulher grávida des-

conhecida, vê sua vida mudar radicalmente e descobre o desgosto e a infelicidade, no drama intitulado *Caso cotidiano e de amor*.

A responsabilidade de aproximar o leitor brasileiro das histórias que, ironicamente, discorrem sobre a dificuldade de comunicar-se e dos eternos mal-entendidos, foi da jornalista e tradutora Joana Angélica d’Avila Melo, que já realizou mais de cinquenta traduções literárias, incluindo obras de autores de renome tais como Julia Kristeva, Marguerite Yourcenar e Umberto Eco, entre outros. Infelizmente, apenas 16 das 21 narrativas do livro original foram traduzidas, em virtude de questões referentes a direitos autorais, deixando incompleta a coletânea, onde um pouco do cotidiano magrebino e sua complexidade são apresentados em seus aspectos mais intrincados. No entanto, o trabalho de Joana Angélica, fruto de sua vasta experiência como tradutora literária, foi realizado de forma meticulosa, buscando preservar e respeitar o estilo de Ben Jelloun, ao mesmo tempo em que se empenhava em esclarecer, para o público brasileiro, certos termos típicos da cultura magrebina através do uso de notas explicativas.

A despeito de seu zelo ao traduzir, ou por excesso do mesmo, a tradutora opta pela literalidade em alguns momentos, o que resulta na introdução de palavras pouco utilizadas no português do Brasil ou até mesmo de falsos equivalentes, conferindo ao texto, nesses trechos, um aspecto distante e confuso. Sabe-se que ainda há, dentro do mundo da tradução literária, diversos conflitos e conceitos pré-estabelecidos decorrentes da suposta correlação entre “fidelidade” e “tradução literal”, a ponto de alguns profissionais da área considerarem que respeitar a obra de um autor é traduzi-lo “palavra por palavra”. Apesar da qualidade de seu trabalho perante o desafio de trazer um pouco do Magreb para o Brasil, é visível a preocupação de Joana Angélica em se manter “fiel” ao texto e reproduzir rigorosamente os períodos e expressões do original. Temos alguns exemplos dessa problemática:

[...] Larbi, un homme de cinquante ans, marié et père de quatre enfants, faux-monnayeur, trafiquant de cigarettes et d'alcool, passeur de cargaisons de haschich en Europe [...] (original p. 35)

[...] Larbi, homem de cinquenta anos, casado e pai de quatro filhos,

moedeiro falso, contrabandista de cigarros e bebidas alcoólicas, traficante de cargas de haxixe para a Europa [...] (*Ardis femininos* p. 36)

A escolha de traduzir “faux monnayeur” como “moedeiro falso” não parece ter sido muito apropriada, pois, ainda que presente nos principais dicionários de português, é um termo pouco empregado e pouco conhecido dos brasileiros, que preferem denominar de falsificador (de dinheiro) ou falsário àquele que se dedica à atividade fraudulenta de fabricação de cédulas inautênticas. Nesse exemplo, assim como nos outros a seguir, percebemos que optar pela literalidade pode acarretar alguns problemas semânticos, incluindo o uso de falsos cognatos e/ou de palavras e expressões idiomáticas que não apresentam real correspondência entre as línguas de partida e de chegada. Seguem abaixo outros exemplos referentes a essa questão:

Ce fut après cette longue épreuve d'où elle sortit à moitié vaincue qu'elle eut l'idée de proposer à sa meilleure amie, la belle brune, une association. (original p. 38)

Foi depois dessa longa prova, da qual saiu meio vencida, que ela teve a idéia de propor à sua melhor

amiga, a bela morena, uma associação. (*Ardis femininos* p. 38)

Il y aurait aussi cette herbe à mélanger à du pain, mais cela comporte des risques d'intoxication. (original p. 52)

Haveria também uma erva a ser misturada com pão, mas isso comporta riscos de intoxicação. (*A víbora azul* p. 52)

A presença da palavra “association” no contexto original diz respeito à união ou aliança proposta pela jovem loura a sua melhor amiga. Não obstante, “associação” é utilizada no português corrente, sobretudo para descrever um grupo organizado de pessoas ou entidades e/ou o lugar onde tal grupo se reúne. Da mesma forma, no outro trecho, o leitor brasileiro pode estranhar um pouco a presença do termo “comportar riscos” que, apesar de correto, não faz parte do uso cotidiano.

Nesse outro caso, mais uma vez nos deparamos com os diferentes usos e definições de unidades lexicais presentes entre as línguas francesa e portuguesa:

Fatima évoqua la difficulté de trouver un cadavre. Khadouj lui fit un signe. Elle paya la secrétaire, qui avait son bureau à l'entrée [...] (original p. 53)

Fátima evocou a dificuldade de achar um cadáver. Khadouj lhe fez um sinal. Ela pagou à secretária, cuja mesa ficava na entrada [...] (*A víbora azul* p. 53)

No francês, o verbo “évoquer” é utilizado, entre outras acepções, como sinônimo de manifestar, expressar e até mesmo fazer pensar em algo. Claramente, nessa passagem do conto, Fátima queria expressar a sua amiga e à feiticeira que lhe ensinava uma simpatia, o quanto era difícil conseguir um cadáver para realizar a tarefa solicitada. Na tradução, a escolha foi o emprego do verbo “evocar” que, no português, refere-se à ação de trazer uma lembrança à mente ou reproduzir uma imagem, som ou situação na imaginação. Aparentemente, os verbos “évoquer” e “evocar” exprimiriam a mesma coisa; contudo, vemos, a partir das definições, que não são correspondentes entre si.

Embora haja pequenos deslizes, Joana Angélica se dedica, ao longo do seu trabalho de tradução, à tarefa de intermediar a relação entre brasileiros e magrebinos e, para tanto, se propõe a explicar, através de notas, alguns aspectos típicos dessa região norte-africana.

Alvos da não aceitação de editores que conhecem a opinião dos leitores, às vezes consideradas um incômodo e apontadas como elementos que desviam a atenção, as notas explicativas, para muitos, demonstram a “primazia” de alguém (o tradutor) que já “possuiu” o texto anteriormente. Não obstante, a presença das mesmas pode ser uma opção para o profissional de tradução, que deseja sanar a falta de um equivalente ideal ou adicionar uma informação que seja imprescindível para uma melhor compreensão. Nesse fogo cruzado, quem realiza uma tradução e decide acrescentar as notas deve estar atento e evitar certas situações: quantidade exagerada e extensão (notas muito longas e desnecessárias), imposição de conceitos e inferências pessoais.

No caso da tradução dessa obra de Ben Jelloun, as notas explicativas foram colocadas no final do livro e a maioria delas é pertinente; no entanto, outras poderiam ter sido omitidas ou substituídas por notas explicativas que contivessem termos que apresentassem relação com o Magreb e povos árabes, como vemos abaixo:

Brahim récita une prière avant de quitter la maison, évita de prendre

son vélo, accrocha autour de son cou une main en argent. (original p. 48)

Brahim recitou uma prece antes de sair de casa, evitou pegar a bicicleta, pendurou ao pescoço uma mão de prata. (*A víbora azul* p. 49)

Ali, não fica muito claro para quem está lendo o que é a “mão de prata”, qual seria sua finalidade e por que Brahim a estaria usando naquele momento. Na verdade, a “mão de prata”, conhecida principalmente como “mão de Fátima”, é um amuleto extremamente popular no mundo islâmico, considerado a maior proteção contra malefícios que alguém pode ter consigo. O objeto também é um adorno para mulheres, que podem legá-lo às filhas como joia de família, de onde provém também sua importância e valor intrínseco.

Analisando ainda outros termos da cultura magrebina presentes nas narrativas dessa obra de Ben Jelloun, percebe-se que Joana Angélica não traduziu nem incluiu em suas notas explicativas a palavra francesa “foulard”, deixando-a apenas em itálico, como vemos a seguir:

C'est curieux, nous avons les memes foulards! Quelle indélicatesse de sa part! (original p. 58)

Engraçado, nós duas temos *foulards* iguais! Que indelicadeza da parte dele! (*Caso do cotidiano e de amor* p. 58)

Em francês, “foulard” quer dizer lenço ou echarpe; contudo, quando presente em um contexto cultural islâmico, refere-se aos véus (como o “hijab” e o “chador”) que cobrem os cabelos da mulher muçulmana e representam um símbolo dessa religião e de seus valores fundamentais.

Apesar das questões levantadas brevemente nessa resenha, é

indiscutível a experiência e dedicação da tradutora que, diante do desafio de fazer de sua tradução uma ponte entre o universo benjellouniano e o Brasil, conseguiu reproduzir, na maioria das vezes, a riqueza e complexidade da obra. Mérito ainda maior por trazer uma parte da cultura magrebina, ajudar a divulgá-la e, principalmente, desconstruir preconceitos que, porventura, circundam o mundo árabe.

Fedra R. Hinojosa
UFSC
